

Brasil sofre 'contágio retardado' da Argentina

ECONOMIA - BRASIL

Maria Luiza Abbott

De Londres

A instabilidade do período eleitoral é apenas um dos fatores que estão alimentando a desvalorização dos papéis brasileiros, elevando o risco país e pressionando o real. A rapidez da deterioração das percepções do mercado internacional em relação ao Brasil está ligada ainda à crise da Argentina e à piora do sentimento dos investidores em relação à América Latina como um todo. As quedas nas bolsas nos Estados Unidos e na Europa e as preocupações com o ritmo de recuperação da economia americana aumentaram o receio dos investidores em relação a países como o Brasil, que têm dívidas altas.

"Cresceu a aversão ao risco no cenário internacional e o Brasil sofre de um contágio retardado da Argentina. Depois da crise argentina, os investidores estão preparados para sair fora rapidamente", diz Peter West, economista chefe para América Latina da BBVA Securities, em Londres. Segundo Claudia Segre, chefe da divisão de investimento em bônus de mercados emergentes do UBM, banco de investimento italiano, a reação do mercado é excessiva, porque o Bra-

sil não é a Argentina, mas os investidores acabam fazendo comparações. "A crise da Argentina provocou contágio em termos do sentimento dos investidores. O cenário geral é de aversão ao risco e os investidores preferem vender mercados emergentes", observou Claudia Segre.

A contaminação começa na mente das pessoas, que viram as crises abalarem outros países da América Latina e passam a ter uma percepção ruim para a região como um todo. "Argentina e Venezuela são casos muito, muito ruins e agora lê-se nos jornais que o Brasil tem uma proporção da dívida em relação ao PIB parecida com a da Argentina. As pessoas pensam que isso pode ser muito ruim, porque a Argentina já está na lona. É assim que funciona a contaminação do posicionamento dos investidores em relação ao Brasil", explica Christof Kessler, executivo chefe da Oppenheim Asset Management, que administra uma carteira de US\$ 60 bilhões.

Ele lembra que existem opções de risco e ganhos mais expressivos em empresas de países industrializados, como a Tyco, por exemplo. Com essas opções, os investidores que querem correr riscos em troca de ganhos maio-

res não precisam investir em ações ou papéis brasileiros. Na avaliação de Kessler, porém, o problema para o Brasil e para toda a América Latina é que a região como um todo não vai crescer.

Como a recuperação da economia americana não será o que se esperava, segundo ele, toda a região acaba sendo afetada e diminuem as chances de crescimento no continente. "A curto prazo, a situação da dívida no Brasil ficará pior, porque a economia não está crescendo. E francamente, se a economia não retomar o crescimento, terá que haver algum tipo de renegociação da dívida", prevê Kessler. A eleição de um governo do PT ou do PSDB, segundo ele, não é uma questão essencial, porque o Brasil não está escolhendo entre um governo de extrema esquerda e outro de centro direita. "A escolha é entre um governo de centro esquerda e outro de centro direita e não penso que isso seja um grande problema", disse.

Mas boa parte do mercado pensa que há um problema. As perguntas sobre as chances do candidato do governo, José Serra, dominaram um seminário sobre mercados emergentes organizado pelo Morgan Stanley, ontem, em Londres, com a participação de repre-

sentantes do Banco Central, BNDES, Petrobras e de Luiz Paulo Velozo Lucas, assessor de Serra. Boa parte dos analistas concordam que o sentimento do mercado pode melhorar com a subida de Serra nas pesquisas. No entanto, o problema da dívida elevada e que está sendo rolada em prazos cada vez mais curtos terá que ser administrado pelo novo governo e o mercado, segundo um analista de um banco europeu, teme a inexperiência da nova administração.

Contribuiu para piorar o sentimento as declarações do secretário do Tesouro americano, Paul O'Neill, na sexta. Ele disse à agência Bloomberg que "jogar dinheiro do contribuinte americano na incerteza política do Brasil" não lhe parecia uma "idéia brilhante". Depois emitiu uma nota elogiando os fundamentos da economia brasileira, mas o mercado ficou com a impressão que a primeira frase é que era sincera. "O'Neill afastou a possibilidade de novos créditos para o Brasil. Ele indicou que o Brasil está sozinho, que não vão fazer o mesmo erro que fizeram com a Argentina, dando dinheiro até agosto, pouco antes da moratória", disse um estrategista de mercado global de um banco europeu.

Por enquanto, com o medo

exacerbado, os investidores estão observando o Brasil com a lente que aumenta os problemas, usada em tempos de crise, segundo o diretor de uma instituição financeira com investimentos no país. "Todos os problemas, a dívida, um ajuste fiscal ineficiente e dependência de financiamento externo, estão aí há muito tempo. Mas só agora, com a instabilidade das eleições, os investidores resolveram pegar a lupa para analisar o Brasil", observou.

Nesse quadro, os encontros do presidente do Banco Central, Arminio Fraga, com investidores amanhã, em Londres, e quinta, em Paris, podem contribuir para ajustar a posição dessa lupa e melhorar a percepção dos investidores. "Ele provavelmente vai dizer muito do que se sabe, mas ele vai falar para os que não acompanham o Brasil no dia a dia e vai também dar detalhes das medidas recentes", disse West. Para os analistas, além disso, não há muito mais o que fazer, a não ser acompanhar e esperar que o mercado teste novos patamares para os papéis brasileiros até que se inicie uma recuperação. "Por enquanto, é como tentar pegar uma faca que está caindo", disse outro analista.